

O BATISMO

Cairbar Schutel

 CASA EDITORA
O CLARIM

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Conteúdo resumido

Neste sucinto trabalho, encontram-se esclarecimentos sobre a prática que vem sendo ministrada de modo errôneo pelas religiões.

Sumário

Nota Preliminar

I - Ritual e formalismo através dos tempos e das gerações / **04**

II - Origem do batismo pagão / **06**

III - O significado e a finalidade do batismo / **08**

IV - Os motivos que levaram Jesus a ser batizado por João / **12**

V - Considerações finais sobre o batismo / **16**

Nota Preliminar

Há tempos vimos recebendo pedidos de esclarecimentos sobre o significado e a finalidade do batismo, alegando os interessados não conhecerem um trabalho que explique com clareza e concisão esse assunto.

Efetivamente, não conhecemos obra alguma que trate do batismo, esclarecendo o seu verdadeiro sentido para edificação das almas. O batismo ministrado pelas religiões não corresponde à verdade, visto que se prevalecem do batismo com água ministrado por João Batista no Rio Jordão, e que, como afirmou o próprio João, era provisório porque, depois dele, viria Jesus, que batizaria "com o Espírito Santo e com fogo". João dizia: "Eu, na verdade, vos batizo com água para o arrependimento; mas aquele que há de vir depois de mim, é mais poderoso do que eu, e não sou digno de levar-lhe as sandálias; Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo".

Conclui-se que, aparecendo Jesus, o batismo de João desapareceu automaticamente, ficando a prevalecer o batismo de Jesus, com o Espírito Santo e com fogo, assunto este que o autor deste trabalho esclarece com precisão e lógica, à luz da razão.

Por não compreenderem o significado e a finalidade do batismo de Jesus, assim como não compreendem as suas parábolas e ensinamentos, que encerram sentidos exclusivamente espirituais, as religiões aferraram-se ao batismo com água, tornando-o mesmo uma superstição, que de tal forma se enraizou nas criaturas, que muitas delas, algumas até versadas em espiritualismo, têm essa prática como necessidade imperiosa.

Em vista do exposto, tínhamos o propósito de providenciar uma obrinha em torno do assunto, quando, revendo antigos escritos de Cairbar Schutel, que ainda não foram dados à publicidade, encontramos trechos sobre o batismo. Coordenamos então esses trechos, obedientes ao seu estilo e suas opiniões, que estão plenamente de acordo com a Doutrina dos Espíritos.

Destarte, encontrarão os interessados, nesta obra sucinta, os esclarecimentos sobre o batismo, prática que, como dissemos, vem sendo

erradamente ministrada pelas religiões.

Os Editores



I

Ritual e formalismo através dos tempos e das gerações

Em todos os tempos, as gerações que nos precederam neste plano material da Vida, têm substituído a Religião do Espírito, o culto interno, pelo culto externo, por um cerimonial complicado, que faz parte das diversas religiões que dividem a Humanidade.

Nos livros sacros das Igrejas, que se agrupam sob o nome de ritual, existem fórmulas especiais para as orações e administração dos sacramentos, fórmulas essas elaboradas com o fim de exaltar o sentimento religioso nas criaturas.

Vem de tempos tão remotos o uso do culto exterior, e a Humanidade tanto restringiu sua religião a práticas externas e ao ritualismo das Igrejas, que a Religião do Espírito quase desapareceu do coração humano, abafada pelo joio que os homens semearam na seara do Senhor.

Por toda parte vemos pompas, aparatos, igrejas plenas de altares, altares repletos de imagens e imagens vestidas de fina roupa e reluzentes de pedras preciosas, ao mesmo tempo em que vemos indigentes, famintos, nus, enfermos do corpo e da alma, vítimas de uma civilização decrépita.

Porventura será no cerimonial, no culto exterior, nuvem espessa que impede o brilho da Verdade em todas as almas, que reside à verdadeira religião? Não será o culto exterior que substitui a religião íntima das virtudes ativas, a causa principal da decadência da moral, da depressão do caráter que se nota em toda parte?

Se o batismo consiste na fórmula sacramental, se o casamento, para ser verdadeiro, não pode dispensar o ritual, se a confissão, a comunhão, a extrema-unção e a prece pelos mortos são atos alheios ao próprio

indivíduo e só merecem valor quando administrados por terceiros, e, ainda mais, por pessoas privilegiadas de uma seita constituída em hierarquias, como devemos compreender a eficácia das virtudes, da pureza de alma, dos esforços para a perfeição, da sabedoria e da caridade daqueles que não se submetem a tais atos?

Sem a menor dúvida, o ritual e o formalismo não resistem à menor análise da razão e facilmente se conclui que foram introduzidos nos vários cultos com segundas intenções.



II

Origem do batismo pagão

Como dissemos, o culto exterior se popularizou e imperou nas consciências, através dos tempos e das gerações e assim aconteceu com o batismo.

Esta prática, que assinala períodos milenários, parece ter nascido na Grécia Antiga, logo após a constituição de uma seita que cultuava a Deusa da Torpeza, a quem denominavam Cotito e a quem os atenienses rendiam os seus louvores. Esta seita, constituída de sacerdotes que tinham recebido o nome de baetas, porque se banhavam e purificavam com perfumes antes da celebração das cerimônias, deixou saliente nas páginas da História esse ato como símbolo da purificação do Espírito.

O povo hebreu, contudo, não adotou esse ato religioso exaltado pelos gregos; usava, como característica da sua fé, a circuncisão, prática que consistia numa operação cruenta que Moisés, o grande legislador e diretor dos judeus havia decretado, levando em conta, sobretudo, uma necessidade higiênica, ditada pelo clima daquelas paragens.

Passados os tempos, a medida de profilaxia empregada por Moisés não tinha mais razão de ser, visto que a moléstia reinante na Palestina e no Egito havia cessado, e os povos se tornaram mais aptos para zelarem pelos seus corpos.

Foi justamente nessa época que nasceu João Batista, "o maior de todos os profetas nascidos de mulher", segundo a expressão de Jesus.

João, profundo conhecedor dos mistérios e da ciência da Grécia, ao iniciar a sua elevada tarefa de Precursor do Cristianismo, para aparelhar devidamente o Caminho por onde as gentes deveriam aproximar-se de Jesus Cristo, tratou logo de pôr fim á circuncisão, desde que esta prática degenerara em cerimônia religiosa, sob a ação dos sacerdotes judeus.

Difícil, porém, é extinguir uma idéia enraizada, bafejada, de há longo tempo, pela autoridade avoenga. E assim que a obediência cega às crenças dos nossos pais atravessou gerações e se tem constituído no noli me tangere para os inovadores e missionários do progresso.

Daí a dificuldade com que João passou a lutar para pôr termo à prática da circuncisão, generalizada por longas centenas de anos entre o povo hebreu.

E como é da sabedoria dos doutos substituir um grande mal por um mal menor, João Batista, procurando cancelar das almas a circuncisão, como cerimônia religiosa e destinada a purificar o Espírito, ciente como estava do ritual dos Sacerdotes Baptas, os Sacerdotes de Cotito, a cuja deusa os atenienses rendiam culto, deliberou substituir aquela prática cruenta da Igreja Hebraica - a circuncisão - pela imersão dos catecúmenos no Rio Jordão, ou seja, pelo batismo dos que ouvissem a sua palavra e julgassem de bom alvitre seguir os seus ensinamentos.

E assim, depois de substanciosas e austeras exortações ao arrependimento, à purificação da alma, à renúncia do mal, o Precursor do Cristianismo fazia entrar o neófito no Rio Jordão para que este recebesse uma imersão, símbolo da imersão do Espírito na doutrina de que ele era portador, doutrina que lavava as almas pelo arrependimento dos erros e as iniciava em um novo Caminho.

O filho de Zacarias, que recebera o nome de João pela intercessão do Espírito Gabriel em comunicação com seu pai, que era sacerdote do Templo, não era conhecido por Batista. Este sobrenome lhe foi dado posteriormente: Batista é originário de Baptas, qualificativo dos sacerdotes da Grécia, que se banhavam antes de oferecerem sacrifícios à sua deusa e antes da celebração dos seus ritos.



III

O significado e a finalidade do batismo

Não podíamos tratar de assunto de tanta relevância, como é o batismo, sem trazer ao vosso conhecimento essas notas históricas, cujo concurso é imprescindível para o desenvolvimento e aclaramento do tema que nos prende a atenção.

Agora, de posse das referidas notas históricas, está vosso espírito preparado para o bom raciocínio e a elucidação do assunto; podemos, sem receio de não ser compreendidos, respigar convosco o Evangelho. Divino Trigal que Jesus Cristo, o maior de todos os lavradores da Seara Espírita, nos legou!

O Evangelista Mateus abre o capítulo III do seu, livro, dizendo:

"Naqueles dias apareceu João Batista pregando no Deserto da Judéia: Arrependei vos, porque está próximo o Reino dos Céus. Pois é a João que se refere o que foi dito pelo profeta Isaías:

Voz que clama no deserto; preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas".

"Ora, o mesmo João usava uma veste de pelo de camelo e uma correia em volta da cintura; e alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. Então ia ter com ele o povo de Jerusalém, de toda a Judéia e toda a circunvizinhança do Jordão; e eram por ele batizados, confessando os seus pecados".

Do versículo 7 em diante, para os quais chamamos ainda mais a vossa atenção, diz esse evangelista:

"Mas, vendo João que muitos fariseus e saduceus vinham ao seu batismo, disse-lhes: "Raça de víboras, quem vos recomendou que fugísseis da ira vindoura? Dai, pois, frutos dignos de arrependimento; e não queirais dizer dentro de vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque

vos declaro que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão o machado já está posto à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não dá bom fruto, é cortada e lançada ao fogo".

A clareza que ressalta desses trechos deixa bem patente que o objetivo de João Batista não era estabelecer cerimônia alguma para transformá-la em sacramento.

Mas os fariseus e saduceus, que não compreendiam isso, queriam o sinal exterior, a cerimônia, a imersão na água sob a autoridade do Profeta, que lhes negou esse ato, alegando que o seu intuito era regenerar, limpar, purificar almas, e não simplesmente banhar corpos. Daí a recomendação: "Dai frutos de arrependimento, porque o machado já está posto à raiz das árvores infrutíferas".

O Evangelista Marcos, a seu turno, (cap. I, vs. 1 a 6), limita-se a repetir o que diz Mateus.

Lucas, cap. III, vs. 1 a 10, mutatis mutandis, repete o que escreveram os seus colegas de Apostolado, Mateus e Marcos, acrescentando, entretanto, a época do nascimento de João, que se verificou no reinado de Tibério César. Este evangelista, como os demais, frisa bem que João pregava o **BATISMO DO ARREPENDIMENTO PARA REMISSÃO DOS PECADOS**.

João Evangelista, que inicia o seu Evangelho com a maravilhosa peça literária sobre a Encarnação do Verbo, tratando de João Batista, cap. I, vs. 24 a 28, descreve o encontro deste profeta com os sacerdotes e levitas, enviados dos fariseus, que lhe inquiriram sobre a virtude e o poder do seu batismo com água, cuja razão o Batista não quis expor, limitando-se tão-somente a dizer: "Eu batizo com água; no meio de vós está quem vós não conheceis; é aquele que há de vir depois de mim, ao qual eu não sou digno de lhe desatar a correia das sandálias. **EU SOU A VOZ QUE CLAMA NO DESERTO: ENDIREITAI O CAMINHO DO SENHOR**".

O que se pode deduzir dessas passagens, analisadas sem espírito preconcebido?

Porventura vemos, nas mesmas, motivo para o estabelecimento do batismo, tal como o ministram as Igrejas, que ainda o revestem de formalidades em que se salientam substâncias salinas e oleosas, vestes especiais, etc.? Certamente que não. Sendo ele feito no corpo, por que

milagre transubstancia-se para purificar o Espírito? O sal, o óleo e a água podem exercer influência sobre o ser inteligente, imortal, o Espírito enfim? Como e por que processo?

Mas continuemos nossa análise, sem nos esquecer de que nenhuma palavra dos trechos estudados autoriza esse batismo de água, cuja eficácia o próprio João Batista não justificou aos sacerdotes das diversas seitas então existentes.

Voltemos novamente ao Evangelho de Mateus, versículos subseqüentes aos que estudamos, 11 e 12. Diz o Batista: “Eu, na verdade, vos batizo com água, para o ARREPENDIMENTO; mas aquele que há de vir depois de mim é mais poderoso do que eu, e não sou digno de levar-lhe as sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo; a sua pá ele, a tem sua mão, e limpará bem a sua eira; e recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará palha em fogo inextinguível”.

O trigo representa aqueles que ouvem a palavra do Senhor e praticam a virtude, que se resume no amor a Deus e ao próximo; a palha representa os amigos do culto, das exterioridades, das cerimônias vãs, que terão de desaparecer da maneira como desaparece a palha sob a ação do fogo.

Batismo do Espírito Santo, que é o Batismo de Jesus, importa na comunhão do Espírito Santo, ou seja do conjunto dos Espíritos bons, puros, com os seguidores de Jesus.

Batismo de fogo é a destruição dos dogmas e cultos exteriores, que se tornaram árvores infrutíferas e à raiz das quais está posto o machado, a fim de serem cortadas e lançadas ao fogo.

O fogo, símbolo empregado por João Batista, representa o grande purificador de tudo o que é submetido ao seu calor. O ouro passa pela prova do fogo e se liberta de suas impurezas. Os outros metais igualmente ficam libertos de elementos estranhos. Assim também o batismo de fogo representa o calor da lógica, do raciocínio, dos fatos em face das crenças, esse calor que fortalece, vivifica e purifica almas envoltas no frio da descrença e do indiferentismo!

O batismo do Espírito Santo arrebatava as almas para os Céus, mas o batismo de fogo da Terra pulveriza, calcina, destrói tudo aquilo que é da terra.

O batismo do Espírito Santo é promissora esperança para todos aqueles

que seguirem a Jesus Cristo, mas ninguém receberá esse batismo sem antes receber o batismo de fogo, porque, se aquele exalta e santifica, este regenera, corrige e salva! O batismo de fogo tem por seqüência o batismo do Espírito Santo, e este não se pode verificar antes que se haja verificado aquele!

Notai a contradição extraordinária que existe entre o batismo das religiões dos homens e o da religião de Jesus Cristo! Os homens batizam com **ÁGUA**; Jesus, com **FOGO**; os homens na **CARNE**; Jesus, no **ESPÍRITO**!

Eis aí, pois, a análise sucinta dos trechos evangélicos, que, longe de justificarem o batismo pagão das Igrejas, o condenam como antítese do Cristianismo.



IV

Os motivos que levaram Jesus a ser batizado por João

É costume dos que não conhecem as Escrituras, justificar o batismo com água pelo fato de ter sido Jesus batizado com água. Esse batismo a que submetem os seus filhos na mais tenra infância, em que jazem adormecidos sob a ação de perturbação tão grande que nem lhes é permitido pensar, não tem, como já dissemos, o menor valor.

Entretanto, até mesmo alguns espíritas pouco versados na exegese dos livros sagrados admitem que Jesus, para dar exemplo de espírito de tolerância, procurou João para receber o seu batismo. Mas a leitura atenciosa dos Evangelhos, em concordância, esclarece bem o motivo principal da vinda de Jesus, da Galiléia ao Jordão, para se encontrar com o seu Precursor.

Passemos a estudar a narrativa dos quatro evangelistas, sem deixar de levar em conta a opinião pessoal de cada um.

Diz Mateus, cap. III, vs. 13 a 17: "Depois veio Jesus, da Galiléia ao Jordão, ter com João, para ser batizado por ele. Mas João objetava-lhe: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim? Respondeu-lhe Jesus: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele anuiu. E batizado que foi Jesus, saiu logo da água; e eis que se abriram os Céus; e viu (João) o Espírito de Deus descer sobre Ele, como (desce) uma pomba e vir sobre Ele (*), e uma voz dos Céus disse: Este é o meu Filho dileto, em quem me agrado".

(*) Muitas pessoas pensam que o Espírito de Deus se transformou em pomba e pousou sobre Jesus. O certo, porém é que o Espírito de Deus desceu sobre Jesus com aquela mesma mansidão com que descem as pombas.

Marcos, cap. I, vs. 9 a 11, diz: "Naqueles dias veio Jesus de Nazaré da

Galiléia, e por João foi batizado no Jordão. Logo ao sair da água, viu (João) o Céu abrir-se e o Espírito, como (desce a) pomba, descer sobre ele; e ouviu-se uma voz do Céu; Tu és o meu Filho dileto, em ti me agrado”.

Lucas, cap. III, vs. 21 e 22, diz: "Quando todo povo havia recebido o batismo, tendo sido Jesus também batizado, e estando a orar, o Céu abriu-se, e o Espírito Santo desceu como pomba sobre Ele em forma corpórea, e veio uma voz do Céu: Tu és o meu filho dileto, em ti me agrado".

João Evangelista nenhuma referência faz ao batismo de Jesus. É admirável que ele se calasse em face de um assunto a que se dá tanta importância!

Se de fato Jesus sancionou o batismo de água ministrado por João, como imprescindível à salvação, como compreender haver o Evangelista excluído do seu livro, que é um primor de filosofia religiosa e dados históricos da fundação do Cristianismo, esse batismo?

O Evangelho de João, que dentre os demais deve merecer mais fé, porque João acompanhava sempre a Jesus, de quem era primo-irmão, deixaria de tratar de um dos principais meios de salvação, se esse meio de salvação, que é o batismo, fosse efetivamente sancionado pelo Mestre? Devemos acrescentar ainda que João Evangelista, que se tornou conhecido como o Discípulo Amado, fazia parte daqueles que mais assimilavam o seu pensamento e que assistiam aos trabalhos secretos mais extraordinários realizados pelo Mestre.

Na leitura dos Evangelhos notamos que Pedro, Tiago e João eram os discípulos escolhidos por Jesus para o assistirem em determinadas ocasiões, Foram estes os únicos que o assistiram na cura da filha de Jairo, na ressurreição de Lázaro, na Transfiguração e no Getsêmani. João salienta-se ainda mais quando, no alto do Gólgota, Jesus recomenda-lhe sua mãe, Maria, que era irmã de Salomé, mãe do evangelista. Por isso dissemos que João Evangelista era primo-irmão de Jesus, segundo a carne, e irmão legítimo, segundo o espírito.

Será possível que João deixasse de fazer referência ao batismo com água se ele visse que o mesmo era necessário à salvação? O mesmo não se verifica quanto ao Batismo do Espírito Santo e com Fogo, que o evangelista prescreve como meio de salvação, conforme veremos mais

adiante.

Já analisamos atentamente os três Evangelhos Sinóticos. O que podemos deduzir do batismo das criaturas e do batismo de Jesus? Deduzimos que o único e verdadeiro batismo de criaturas é o do Espírito Santo e com Fogo. E com relação ao batismo que Jesus recebeu? Alguns poderão chegar a suposições que à primeira vista parecem verdadeiras, mas que são falsas, em virtude do que diz João Evangelista, cujo Evangelho vamos analisar.

Antes, vos lembramos, novamente, que esse evangelista não faz nenhuma referência ao batismo. Em vez de referir-se ao batismo, explica, com clareza, o motivo por que o Batista batizava no Jordão, por que atraía a si as multidões e por que Jesus foi a ele.

Notemos que a pergunta que os sacerdotes e levitas fizeram ao Batista só foi respondida depois, no dia seguinte, à multidão que dele se acercou. Notemos ainda que essa resposta só foi dada depois que João viu a Jesus e o reconheceu como sendo o Cristo que havia de vir.

E assim que lemos no Evangelho de João, no mesmo cap. I, já citado, vs. 29 a 34:

"No dia seguinte viu João a Jesus que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo! Este é o mesmo de quem eu disse: Depois de mim há de vir um homem que tem passado adiante de mim, porque existia antes de mim. E o conhecia, mas para que Ele fosse manifestado a Israel, é que eu vim batizar com água. E João deu testemunho, dizendo: Vi o Espírito descer do Céu como pomba a permanecer sobre Ele. Eu não o conhecia, mas O QUE ME ENVIOU A BATIZAR COM ÁGUA, disse-me: Aquele sobre quem vires descer o Espírito e ficar sobre Ele, esse é o que BATIZA COM O ESPÍRITO SANTO. E eu tenho visto e testificado que Ele é o filho de Deus".

Essas palavras de João Batista podem ser interpretadas da seguinte maneira: "O meu único escopo, colocando-me às margens do Jordão e atraindo-a mim as multidões, era ver, no meio destas, aquele sobre quem pousasse o Espírito Santo, porque foi este o sinal que o Espírito que me assiste deu-me para eu reconhecer o Filho Amado de Deus e apresentá-lo

às multidões. Além disso, batizando com água, eu tinha por tarefa preparar o ânimo do povo, convidando ao arrependimento, de maneira a poder receber o Batismo do Espírito Santo e do Fogo".



V

Considerações finais sobre o batismo

O batismo do Espírito Santo é uma graça invisível que vem do Alto e que produz, em todos os que o recebem, um sinal visível, que constitui a nossa fé sincera, a prática das virtudes ativas e os esforços para a regeneração e formação do nosso caráter.

Os discípulos receberam o batismo do Espírito Santo no Dia de Pentecostes, no Cenáculo de Jerusalém, onde, pela primeira vez, se registrou esse fato grandioso da História do Cristianismo.

Estudando os Atos dos Apóstolos, vemos Saulo debruçado na Estrada de Damasco e o Iluminado Espírito de Jesus Cristo envolvendo-se com todo o seu esplendor, a ponto de transformá-lo em Paulo, Apóstolo da Verdade.

O batismo do Espírito Santo é tão indispensável como o pão para o corpo. Quando Jesus Cristo enviou os seus apóstolos pelo mundo, disse: "Anunciai o Evangelho a todas as gentes; aquele que crer e for batizado será salvo; aquele que não crer já está condenado". A condenação é a própria descrença da criatura, que se coloca fora das graças do Espírito Santo.

Devemos, pois, batizar os nossos filhos imprimindo neles o sinal visível da caridade e do espírito de oração, para que a graça invisível, que é ministrada pelo Espírito Santo, se grave nos seus espíritos e eles cresçam no conhecimento de Jesus à proporção que crescem em corpo.

Alguns poderão indagar: neste caso o batismo ministrado pelas Igrejas não tem nenhum valor? Certamente que não, porque não consta dos Evangelhos que Jesus, ou qualquer dos seus apóstolos, batizassem crianças ou adultos pela forma que elas o fazem. Eles batizavam, sim, mas com os ensinamentos evangélicos, e não com água dos rios, dos mares ou

das cisternas.

Indagarão ainda: Mas se o batismo com água não tem, efetivamente, nenhum valor, por que razão Jesus foi batizado com, água? Foi para dar-se a conhecer a João, e, conseqüentemente, às multidões, reforçando assim o que dissera João: "Eu, na verdade, vos batizo com água para o arrependimento; mas aquele que há de vir depois de mim, é mais poderoso do que eu, e não sou digno de levar-lhe as sandálias; Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo".

Além disso, não podemos admitir que Jesus tivesse de se purificar, visto que o batismo, segundo as Igrejas, é para limpar a mancha do chamado pecado original. Jesus personificava a pureza e constituiu-se o Caminho, a Verdade e a Vida, não necessitando, portanto, de limpar a mancha do pecado original, porque Ele não tinha essa mancha!

A expressão pecado original foi sugerida pelas religiões que, não conhecendo a verdadeira finalidade do batismo, e para justificar o batismo de água, afirmam que o pecado, oriundo da desobediência de Adão e Eva, se transmitiu às gerações e só pode ser cancelado pelo batismo de água, invalidando, assim, a sentença divina: "A cada um será dado segundo as suas obras".

E para terminar estas considerações sobre o batismo, vamos citar mais alguns dados históricos, indispensáveis à elucidação do assunto.

Nos fins do primeiro século do Cristianismo surgiram discussões dogmáticas e querelas que agitaram os núcleos cristãos. E com o intuito de pôr termo às controvérsias em torno dos Evangelhos, o imperador Teodósio se impôs pela força, impondo, a seu turno, a opinião do bispo de Roma sobre os cristãos.

Foi assim que surgiram as falsas interpretações das Escrituras, interpretações essas que até hoje infelicitam a Humanidade. Como era natural, nem todos se submeteram aos dogmas, que desnaturaram a Religião do Cristo, surgindo de todos os lados, veementes protestos contra as falsificações da Palavra de Jesus

E assim que os Marcosianos, Valentinianos e Quintilianos repeliram imediatamente o batismo dogmático e declararam que a "graça" não pode exprimir-se por um sinal de tal natureza, qual seja o batismo com água.

Os Selencianos e os Hernianos, a seu turno, rejeitaram Esse batismo,

porque julgavam verdadeiro só o do "fogo".

Os Haniques e os Albigenses, que sustentaram longas polêmicas com o sacerdócio romano, também demonstraram que a água não pode ligar o Espírito Santo a quem quer que seja.

Dentre os próprios doutores da Igreja, as opiniões sobre o batismo são acanhadas e contraditórias. Por exemplo: Santo Agostinho achava que a fé era indispensável ao batismo, mas, como as crianças não podem ter fé, ele se contentava com a fé do padrinho. Santo Thomas de Aquino afirmava que a eficácia do batismo dependia tão-somente da fé daquele que o recebesse.

Finalmente, longe iríamos se quiséssemos fazer uma síntese das opiniões dos doutos nas Escrituras, contrárias ao batismo tal como o ministram as religiões mundanas.

Fica, pois, prevalecendo o batismo do Espírito Santo e com Fogo, que deve ser ministrado aos nossos filhos, na forma de evangelização, quando eles hajam atingido idade suficiente para á perfeita assimilação dos ensinamentos crísticos em espírito e verdade!